



monoculturas: um exercício de figuração especulativa feminista

Marina Bohnenberger¹

Resumo

Imagine-se localizada em uma estrada de terra no Sul ou Centro-Oeste do Brasil, diante de uma cerca sinalizada com uma placa da Pioneer Sementes que marca o perímetro de uma paisagem assustadoramente homogênea, onde cresce uma plantação de soja. Mais à direita, uma cerca menor, feita de um arame mais rústico tecido entre tocos de madeira não uniformes, afasta as galinhas e porcos de uma pequena plantação de hortaliças diversas: cebolinha, camomila, salsa, beterraba, alface, rúcula. De volta à paisagem monofônica, o olho agora é capaz de observar uma planta que cresce acima e a despeito da homogeneização, em pontos dispersos em meio à soja: é a buva, resistente aos químicos herbicidas e a outras técnicas de extermínio, pertencente ao grupo chamado de “plantas invasoras”. Abaixo, a seus pés, uma miríade de insetos caminha ao largo dos limites da plantação de soja; outras ervas desobedientes, rastros de animais e a microbiota não observável compõem um cheiro bom de terra que chega às narinas.

O exercício de figuração tem sido uma forma de especular sobre o que mais pode ser dito sobre uma história que parece, à primeira vista, de modos politicamente unívocos de descrição, apenas destrutiva. Tendo percorrido o já repisado mas sempre necessário caminho da crítica às supostas determinações ontológicas do maquinário tecno-científico-mercadológico, um novo desafio se coloca: como reativar, em nossos feitiços de linguagem, as materialidades que emergem de relações atravessadas por contradições? Se a racionalidade é um dos deuses idolatrados pelas políticas de morte, como salvar o pensamento da captura de representar um mundo já dito; como reunir as palavras na tessitura da existência e refazer o vínculo fecundo das histórias? Minha proposta é experimentar com algumas cenas, imagens e narrativas que circundam a ideia de monocultura, baseada em materiais de minha própria observação, em leituras feministas, em manifestos em mídias digitais e em minha pesquisa teórica na antropologia, buscando desmanchar linhas e costurar incômodos inesperados em modos simplificados de encarar problemas tão conhecidos.

Palavras-chave: monocultura, figuração, figuração feminista.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (PPGAS/USP). E-mail: marina.boh@gmail.com.

Imaginar

Monocultura. Que imagens, ideias, sensações vêm à mente e tomam o corpo quando essa palavra chega aos seus ouvidos? Convido vocês a deixarem-na ressoar por alguns instantes.

Monocultura.

Imagine-se localizada em uma estrada de terra no Sul ou Centro-Oeste do Brasil, diante de uma cerca sinalizada com uma placa da Pioneer Sementes que marca o perímetro de uma paisagem assustadoramente homogênea, onde cresce uma plantação de soja. Mais à direita, uma cerca menor, feita de um arame mais rústico tecido entre tocos de madeira não uniformes, afasta as galinhas e porcos de uma pequena plantação de hortaliças diversas: cebolinha, camomila, salsa, beterraba, alface, rúcula. De volta à paisagem monofônica, o olho agora é capaz de observar uma planta que cresce acima e a despeito da homogeneização, em pontos dispersos em meio à soja: é a buva, resistente aos químicos herbicidas e a outras técnicas de extermínio, pertencente ao grupo chamado de “plantas invasoras”. Abaixo, a seus pés, uma miríade de insetos caminha ao largo dos limites da plantação de soja; outras ervas desobedientes, rastros de animais e a microbiota não observável compõem um cheiro bom de terra que chega às narinas.

Recentemente estive com amigos agrônomos, pesquisadores e praticantes da agricultura sintrópica, um tipo de cultivo agroecológico e agroflorestal. Perguntei a eles o que era monocultura e obtive, a princípio, uma resposta técnica: o plantio de uma única espécie de interesse em larga escala. “Espécie de interesse” quer dizer que outras espécies certamente surgirão, isso é natural do cultivo, mas serão exterminadas em favor da espécie de interesse. Outras características da monocultura, que a transformam em “cultivo convencional”, foram trazidas à conversa: uso de máquinas, padronização das sementes e dos insumos, fatores industriais do plantio, fatores que dependem desta padronização e de outras exigências do mercado. Perguntei o que eram insumos: “tudo é insumo, semente, adubo, herbicida...” Solo é insumo?, eu perguntei. “Não, solo é solo”.

Segundo a Embrapa, o Brasil é o maior produtor e exportador de soja (*Glycine max*) do mundo. As commodities agrícolas exportadas pelo Brasil viram insumos para a produção de ração para gado e outros bens que importamos de volta ao país, com valor agregado. As ciências econômicas chamam a isso de *vantagem comparativa*, um cálculo para saber se vale a pena produzir e exportar ou importar um determinado item, dadas as dinâmicas do comércio global.

Diante da “decisão ecológica” de países europeus de não utilizar grande quantidade de agrotóxicos e rejeitar o plantio de sementes transgênicas, coube terceirizar a intoxicação às Américas, que eles inventaram para que dela possam importar tudo isso. Ao Novo Mundo, desde sempre foi mais *vantajoso* economicamente exportar natureza, como diz Julieta Paredes. Vantagem comparativa. Monoculturas da economia globalizada.

O algoritmo do site de buscas me retorna uma definição de commodity vinda de um blog de investimentos:

As commodities são produtos elaborados em larga escala e que funcionam como matéria-prima, possuem qualidade e características uniformes. Ou seja, não se diferenciam de local para local, nem de produtor para produtor. Os preços das commodities são determinados pelas leis da oferta e da demanda no mercado internacional.²

Características uniformes. Não se diferenciam. A variação de suas cotações em dólar é monitorada, especulada e administrada no mercado financeiro, ou seja, na bolsa de valores.

As monoculturas são chamadas de plantation por Anna Tsing (2019), nome cujo contexto histórico eu compreendo, mas me soa sempre demasiado colonizador pronunciar-lo enquanto tenho “monoculturas” em português. Uma das definições mais bonitas da plantation de Anna Tsing é que ela encerra os encontros e, assim, elas são produtoras do mesmo. Nas monoculturas, primeira horta capitalista, a propriedade e a commodity são as metáforas carnis que constituem as relacionalidades: “a coisa fora da relação, a coisa que pode ser exaustivamente medida, mapeada, possuída, apropriada, disposta” (Haraway 2017[1997]: 8). Um encontro, para ser um encontro, tem que ser transformativo, e por isso um encontro também precisa aceitar ser desencontro. Relações encontruais não são harmônicas, o encontro não é a vinculação de duas entidades pré-existentes quando isso lhes é conveniente, como quem marca o melhor dia da semana para ir se divertir no bar. Encontros são inevitáveis. É o risco de se colocar em vulnerabilidade. E é por isso que o esquema lógico das plantations coloniais envolvia o deslocamento forçado e violento de pessoas de suas comunidades, de plantas de suas diversidades. Grada Kilomba explora o racismo cotidiano como um trauma em seu *Memórias da Plantação*. Um dos aspectos que constituem um trauma é o que ela chama de separação ou

² Em <https://blog.toroinvestimentos.com.br/commodities-o-que-sao>.

fragmentação, derivada do choque da violência e que priva uma pessoa de compor relações com sua coletividade. Monoculturas são censuras dos encontros, fragmentações.

Exercitar

O exercício de figuração como forma de pensamento é pensado por Donna Haraway a partir da difração, fenômeno físico de desvio e espalhamento de ondas diante de obstáculos ou objetos de transformação do padrão anterior. “Uma figura dividida se movendo através de uma tela para um mundo onde padrões de interferência podem fazer a diferença em como os significados são feitos e vividos” (Haraway 2017[1997]: 14, tradução minha), diz ela. Assim, “a figuração não pode ser literal nem mimética; ela é sempre trópica, ou seja, apta a transformar e desviar do que aparentemente expressam as lógicas de significação”.

Este texto não é mais que um exercício advindo de uma curiosidade: embora *monocultura* tenha um sabor amargo em minha boca, eu a tenho visto na boca e nos dedos digitalizados de outras pessoas como uma forma de reativar, nos feitiços da linguagem, as materialidades controversas e as relações fecundas das histórias de desobediência, ainda que seja para nomear esquemas de adoecimento. Nomear de forma autônoma, segundo critérios e intuições próprios, é vital, ou então ficamos presas no imaginário colonial do apocalipse. É essa mesma controvérsia que experiencio quando o sabor torna-se doce pela difração que os saberes coletivos operam na palavra, não tornando-a inocente e inocentada, mas fazendo emergir dela a abertura de novos problemas. Eu desejaria difratar as monoculturas, cozinhar seu caldo, extrair seus sentidos mais abomináveis e, também, permitir que esta palavra esquisita faça ressoar aquilo que ela mais detesta: diferença bravia, indomesticável.



Imagem 1 Plantação de soja cercando uma mata. Rio Grande do Sul, dezembro de 2020. Fotografia digital por Marina Bohnenberger.

Meus avós nasceram no Brasil no final da década de 1930, logo depois de seus pais alemães desembarcarem no país. Falam alemão entre si até hoje. Vivem em uma área rural no oeste do Rio Grande do Sul, a comunidade São Judas, que ajudaram a construir. São camponeses agricultores e tiveram 8 filhos, também camponeses. Em família e usando carroça, boi, enxada e foice, abriram os caminhos da terra onde moram, plantaram, colheram e alimentaram as crianças e as criações durante décadas. Vendiam o excedente da colheita na

feira da cidade, que complementava a renda. No sul do Brasil essas pessoas eram e muitas vezes ainda são chamadas de “colonos”, camponeses pobres, boa parte filhos da política de imigração implementada pelo governo brasileiro para povoar (e embranquecer) a região, povoamentos que ficaram conhecidos como as Colônias de imigrantes. Com o passar dos anos e a emancipação dos filhos, se tornou comum o uso de agrotóxico nas plantações da família. Em 2007, meus avós perderam um filho e eu perdi um tio: cirrose hepática. Meu pai garante que seu adoecimento é decorrente do uso de herbicidas em sua pequena lavoura. É 2020 e a paisagem do sítio onde eles vivem, hoje com 88 anos, mudou bastante. Uma imensa lavoura de soja circunda a casa de madeira, que pouco mudou nos últimos 50 anos. Meu vô arrendou a terra para o projeto agrícola de um genro, marido da minha tia, que planta soja, recebe as sementes, os herbicidas e o equipamento de uma empresa de biotecnologia. É a mesma empresa que compra o grão depois de colhido. A maior parte das famílias nos arredores faz o mesmo, é o que se observa nas estradas e pelas histórias que circulam. A tal empresa não é dona de nem um metro quadrado de terra no Rio Grande do Sul: é a agricultura familiar que “escolheu” vender suas terras em troca dos altos valores pagos pelas sacas de soja. A maioria tem o carro do ano, é o que se conta e o que se vê. Meu vô e minha vô recebem um valor pela terra arrendada que garante suas aposentadorias.

É muito fácil contrapor, na imaginação, um latifúndio de soja e uma pequena propriedade de família camponesa que planta sem agrotóxicos e cumpre um papel ecológico importante na manutenção da biodiversidade das matas e rios, através da seleção e disseminação de variedades. Não é preciso reafirmar que as populações humanas têm papel fundamental na produção do que chamamos de natureza, e que ecologia significa, no mínimo, manter nos territórios quem sabe cuidar deles.

Mas a história que acabo de relatar, semelhante a tantas outras, deixa bem claro que a coisa não é assim tão simples. Famílias camponesas enfeitadas pelos desejos de consumo do capital e encurraladas pela falta de condições de produção e de mercado consumidor de seus produtos são algumas das explicações que rabiscam as fronteiras entre problema e solução para a questão ecológica, da terra e da alimentação no Brasil. O processo de certificação de produtos orgânicos exige um perímetro livre de venenos na vizinhança da plantação, algo que poucos pequenos produtores têm capacidade de garantir, dada a imensa disseminação de veneno nos solos e águas. Tornados pobres e para não ficarem sem renda, os produtores são coagidos a se enquadrar no sistema produtivo das commodities, e as empresas de biotecnologia, exportadores

e investidores não precisam ter seus nomes em nenhum documento de propriedade de terra. Isenção total de responsabilidades e consequências. Stengers e Pignarre (2017[2005]) especulam sobre o capitalismo como sistema de feitiçaria sem feiticeiros. Eis a lógica do feitiço.

Corpos-hackers

Retornemos à buva, a espécie desobediente das plantações de soja que relatei na primeira história. A existência da buva não vem nos mostrar que a diversidade e o monólogo não são opostos, eles convivem, se confundem, fazendo com que tenhamos sempre mais dificuldade de nomear os responsáveis. Mas a figura da buva inevitavelmente também não nos deixa esquecer das capacidades transformativas da vida, ainda que tenha seu curso detido sob as monoculturas e suas vizinhanças. Os processos de diferenciação precisam ser sempre controlados, é necessário um movimento ativo para que a vida não emerja e transforme tudo. A buva é também prova disso. Além disso, ela é uma Planta Alimentícia Não Convencional (PANC). Pode ser comida. E é uma grande inimiga da nossa conhecida Pioneer Sementes, com guerra declarada no site da empresa, que alerta sobre os perigos dessa guerrilheira. Ela se torna ainda mais interessante só por ser tão detestada pelo agronegócio, mas sua capacidade de dispersar até 200 mil sementes e ser berço para espécies de insetos em meio à plantação é realmente admirável. Salve, buva, uma verdadeira hacker.

Figura 1. Plantas de buva servindo como abrigo para insetos-pragas.



Características importantes da buva:

- Apenas 1 planta pode produzir **mais de 200 mil sementes**, apresentando facilidade de dispersão e reprodução;
- **Rápido crescimento**, possibilitando vantagens para competir com a soja;
- Maior **habilidade para absorver nutrientes**, radiação e água;
- **Desenvolve-se mesmo em condições de déficit hídrico** (Mendes et al., 2016);
- Há casos de **múltipla resistência** para os mecanismos de ação: Inibidores do PSII, Inibidores do PSI, Inibidores da PROTOX, Inibidores da EPSP e Mimetizadores de Auxina (Sausen et al., 2020);
- Serve como **“ponte-verde”** para a sobrevivência de pragas.

Imagem 2 PrintScreen do site da Pioneer Sementes, clicado em 10/11/2021.

“Eu gosto mesmo é de um terreno baldio! Para mim, as plantas espontâneas (ou ruderais) são a resistência do reino vegetal, sempre mostrando que a vida existe, nos muros, ruelas, entulhos, lajes rachadas, terrenos sem casa. A capacidade de dispersão delas é tão grande que as faz estarem em tantos lugares que é impossível pra mim não me maravilhar com as composições geradas entre elas.” Bruna de Oliveira, da página @BrunaCrioula no Instagram, nutricionista ecológica e coletora urbana. Abaixo, Bruna na foto que ilustra a postagem. Salvo engano, várias destas plantas em volta dela são buvas.



Imagem 3 Postagem de @BrunaCrioula no Instagram.

Para as agroecologias, as chamadas “ervas daninhas” não são pragas para serem exterminadas. Elas são informantes, messageiras, oráculos. Nos sistemas agroflorestais, quem manda é a diversidade, indomável, espontânea e completamente comunicativa, disponível a interações inteligentes com humanos. O surgimento de certas espécies é indicativo da qualidade do solo e das relações ecológicas do local, das propriedades químico-físicas e dos desejos da terra. *Afagar a terra, conhecer os desejos da terra.*³ Sim, uma relação erótica com a terra... A quem tiver ouvidos para ouvir, a terra dirá, através das suas diferentes manifestações, o que lhe falta, e oferecerá gratidão. Mas é importante considerar que as formigas, por exemplo, outros insetos e pássaros, também precisam comer. O cultivo é feito levando em consideração que

³ Trecho da música “O Cio da Terra”, composição de Milton Nascimento com letra de Chico Buarque.

outros habitantes — talvez em relação ecológica completamente desequilibrada, como é o caso das formigas em muitos lugares — também se aproveitarão daquilo. E então se planta para eles comerem também - agro+floresta.

A terra é de todo mundo. Saber ouvir e falar com as plantas e a terra é permitir que elas digam algo que nos desagrade, algo que desmonte os projetos pré-estabelecidos. Se aqueles que têm algo a dizer contra não são autorizados a falar, ou seja, não encontram meios por onde falar, então não há diversidade, e a desautorização verbal torna-se uma forma de morte física. Não é à toa que a capacidade de linguagem é um marcador civilizatório: as minorias políticas reivindicam o direito à fala, a vida orgânica e inorgânica reivindica o direito à cognição sem que o humano seja sua métrica.

Extermínio. É assim que diversos estudos da ciência descrevem os processos que dão condição à ciência de se estabelecer como autoridade ontológica, quer dizer, enquanto um sistema capaz de dizer o que as coisas são e quais coisas não são. Epistemicídio, diria Sueli Carneiro (2005). A Nova Ordem Mundial se ergue sobre a perseguição de saberes populares e comunitários; perseguição aos desobedientes do novo esquema de usufruto do corpo. Corpo e conhecimento: entidades indomáveis, perigosas porque transformativas, perigosas porque desejantes, curiosas, alegres. Perigosas porque em relação de responsabilidade e compromisso com os seres da terra, protetoras, cuidadoras e cuidadas.

Testemunhos da soja

A soja é uma planta nativa da China, das regiões do rio Yangtzé, cultivada desde os anos 2000 a.C. Dia desses comprei um missô caseiro na Liberdade, tradicional bairro oriental na capital paulista, e o preparei em minha casa. O missô é uma pasta concentrada de soja fermentada com sal, muito saboroso, ácido e bastante versátil. Para preparar, é preciso diluir uma porção da pasta em água e cozinhar um pouco em água fervente, onde ele se torna o missoshiro - uma sopa de soja fermentada. A pasta não se amalgama completamente à água, ela decanta facilmente, então os movimentos da água fervente geram imagens fractais que se transformam, aumentando e diminuindo a depender do ritmo da água. Foi observando essa diluição parcial que me deparei com a versatilidade potencial da soja. Era uma imagem muito bonita. Sentindo aquele cheiro ácido e salgado que atiçava minhas glândulas salivares e vendo aquelas imagens que se formavam, pensei nos tantos destinos possíveis daquele vegetal. Em

meu imaginário brasileiro, a soja não era uma planta digna de ser amada, pois é um signo de destruição e paisagens arruinadas, dos calores infernais, das queimadas cada vez mais frequentes, de toda vida que sai para que ela possa se estabelecer pelas mãos de seus algozes. Um índice do ódio que sinto por algumas estruturas desse país. Mas ali, naquele momento, me vieram também as tantas histórias possíveis que a soja pode percorrer. As mãos e olhos que acompanharam a formação das bactérias da fermentação dia após dia, prestando atenção à temperatura do ambiente, num processo totalmente alquímico e de um conhecimento passado milenarmente de geração a geração. Não é só o solo e as pessoas filhas destes solo que a monocultura da soja encarcera, escraviza e põe a trabalhar sob seus desígnios, mas também o destino daquela soja, antes múltiplo e multiplicável, agora pré-determinado e desestimulante. A soja deixa de poder ser missô e tofu, comida, cheiro, afeto, preparo, histórias, para contar uma só história: seu destino de ser commodity-ração. O perigo material-semiótico das histórias únicas.

O período das experimentações de laboratório da Revolução Científica possui várias figuras que marcam a arte do conhecimento não marcado, do cientista tornado invisível e com o poder de estabilizar os fatos. Esta é a retórica da *testemunha modesta* que, segundo Haraway (2017[1997]: 25-26), foi fabricada como uma “forma nua de escrever”, isto é, notada por sua capacidade de desaparecer modestamente da fabricação dos fatos e ser capaz de apresentá-los com autoridade convincente. É claro que, física e epistemologicamente, isso envolve ser detentor de um corpo “não contaminado pela particularidade” (*ibid.*). As mulheres, por exemplo, não poderiam ser boas testemunhas modestas das experimentações feitas fatos, assim como os técnicos, cuja artesanaria experimental desaparecia do oficial. Mas Haraway difrata a figura da testemunha modesta para pensar formas coletivas e situadas de saberes que não se restringem à denúncia da relatividade do real, mas se entregam à realidade do relativo, para falar com Viveiros de Castro (2002: 129). A testemunha modesta subversiva de Haraway, ao invés de ser um arauto apocalíptico da “decadência que excita e mobiliza”, torna-se uma figura “suspeita, implicada, sabida, ignorante, preocupada e esperançosa” (Haraway 2017[1997]: 41).

Parece-me que a soja pode figurar como minha testemunha modesta, capaz de depor contra as forças mobilizadoras que também a aprisionam, envolvida de forma não inocente em redes de extermínio e devastação, de possibilidade de existência e diversificação, abrigo para a

buva e suas outras espécies companheiras, silenciosa detentora da capacidade de vir a ser, disposta a trair.⁴

Palavra-carne. Metaplasmos são as modificações ocorridas nos vocábulos ao longo de seus usos. Segundo Haraway (2021), um metaplasmo é um tropeço e um desvio de uma palavra, uma mudança. “Existe um gostinho de biologia no metaplasmo”: a vizinhança gráfica com as palavras que designam processos biológicos saboriza o linguístico metaplasmo (citoplasma, protoplasma). A reformulação dos códigos genéticos conjuntos, processo intrínseco e amalgamado das espécies companheiras em co-evolução, pode ser pensada como um metaplasmo: a alteração no significado de um código (uma palavra) é também carnal. “Uma substituição de uma linha de bases de um ácido nucleico, mudando o significado de um gene e alterando o curso de uma vida” (Haraway 2021: 27-28). Se palavra e carne são indissociáveis, e a tecnocultura se inscreve no corpo na forma plástica de genes, códigos, metáforas, então a informática não é só dominação: é possibilidade de transformação, hackeamento, tradução, feitiços operados pelas histórias, seus personagens e relações.

Poderíamos, como Ana Godoy (2008), pensar esses metaplasmos como prática de ecologia menor? Como um arrastar de ideias de um lado a outro? Deslocamentos, sim, deslocamentos, levar as palavras de um ponto a outro sem que se conheça totalmente os lugares destes pontos. Que se conheça só um pouquinho, um lugarzinho, um caminhozinho. Pequenas rotas, lentamente traçadas, por vezes exaustivas, detalhadas. Poderíamos pensar em monoculturas menores? monoculturinhas, assim, minúsculas? Cultivos pequenos de uma espécie sem extermínio de outras, estabilizações momentâneas da profusão de transformação que constitui a vida, situar-se com algo para interromper o fluxo aparentemente infinito da vida progressiva. Continuo pensando com Ana Godoy: estratégias de enfraquecimento, daquilo que pausa uma expansão. Mas aqui também como Stengers (2015): um interstício, um intervalo, uma intervenção. Tornar pequeno, desacelerar, seriam sinônimos? E assim poderíamos pensar que não se define de uma vez por todas uma monocultura, é claro. Da mesma forma que a soja, a *Glycine max*, se constitui com(o) espécies companheiras em romances proibidos. Importa muito para o cultivo qual é a sua destinação, para onde se desloca.

⁴ Agradeço a Camila Montagner pela observação da qual emergiu pensar a soja como testemunha modesta.

Monoculturas à direita, salvação à esquerda

São muitas as monoculturas, diz a pesquisadora guarani Geni Nuñez, desafiando o pensamento crítico insistentemente binário que define o inimigo de uma vez por todas, límpido e acabado, em oposição ao pluralismo vazio ou terminantemente harmonizado.

“Alternativas infernais” é um termo conhecido de Isabelle Stengers e Philippe Pignarre (2017[2005]), forjado em *A Feitiçaria Capitalista [La sorcellerie capitaliste]*. Ele resume falas muito comuns dos feiticeiros inomináveis do capitalismo: para evitar que o pior aconteça, é preciso aceitar os sacrifícios que nos levam sempre à frente. Para evitar que o país quebre e as famílias empobrecam, precisamos derrubar a floresta e criar gado. Não há solução fora das vantagens competitivas, do preço das commodities e do investimento em biotecnologia de ponta produzida, controlada e vendida por grandes laboratórios, dizem. Palavras que adubam o solo de outra monocultura: é preciso cultivar as monoculturas do pensamento para garantir o monólogo na terra, e vice-versa.

Essa é a tese das “monoculturas da mente”, de Vandana Shiva (1993): quando as empresas de biotecnologias promovem o barateamento de seus custos de produção e a expansão de seus métodos de cultivo, promovem o extermínio da diversidade de sementes. Vão com elas suas capacidades transformativas, o extermínio dos conhecimentos e memórias que elas guardam consigo. Ou ainda, em um outro entendimento: para manter a margem de lucro da tecnociência como espécie de interesse dessa monocultura de saberes é preciso pulverizar as ervas daninhas das crenças, dos curandeirismos, das “pseudo-ciências”. Em uma operação metoplasmática da nossa amiga monocultura, chegamos a um assunto que me agrada particularmente, as monoculturas das esquerdas.

Como pensar nessa imagem de monocultura desviando, difratando dessa imagem homogênea que atribuímos com facilidade aos “outros que não desejamos ser”, ou seja, dentro de nossas próprias práticas políticas, considerando que ainda achamos relevante nos reconhecermos enquanto esquerdas?

A monocultura enquanto fenômeno político progressista me parece envolver três aspectos: uma vez que a narrativa oficial é que não há outras histórias, o monocultor de esquerda só consegue imaginar uma forma do mundo — a que ele tem agora, mas onde não só a burguesia, mas todo mundo tenha a vida de um americano médio, ou seja, um mundo que destrói a habitabilidade dos mundos. Em segundo lugar, a monocultura de esquerda já tem a resposta

para explicar o que há de errado no mundo e se contenta em anunciá-lo, orgulhosa como se fosse uma solução: o problema é o capitalismo, ora. Uau, palmas para as reencarnações de Marx. E por último, o monocultor de esquerda crê e prega cegamente uma verdade científica, chamando os outros de burros e charlatões. Para este, basta que a verdade seja restabelecida, que aqueles que caminham nas trevas enxerguem a luz branca dos laboratórios, para que encontremos o caminho justo, pois lógico, para tudo. *O Ocidente global não é um mundo e não reconhece nenhum mundo*. Essa sentença forte é de Isabelle Stengers (2018: 86), e me soa bastante afim ao colonialismo da branquitude do lado esquerdo.

O Art. 248 do Código Penal brasileiro criminaliza a prática de curandeirismo enquanto administração de substâncias, gestos, palavras e diagnósticos. Foi um dos crimes atribuídos ao Presidente da República no âmbito da Comissão Parlamentar de Inquérito da Pandemia, em 2021, devido à produção e disseminação do uso de cloroquina, comprovadamente ineficaz para tratamento da Covid-19. Defender boas práticas de saúde coletiva e condenar o lobby que possibilitou a saga fatal da cloroquina significa, em parte, se valer deste dispositivo biopolítico que é o art. 248, que pode, com a outra mão, criminalizar tantas práticas não-científicas coletivas, responsáveis e regenerativas. O debate da pandemia revelou, entre outras coisas, a sanha das esquerdas anti-curandeirismo, que parecem não perceber a controvérsia que está posta. É por isso que, aqui, citei esta noção de curandeirismo como uma possível ferramenta de produção de monoculturas da mente, pois ele é capaz de expor a ineficácia do argumento científico baseado em verdade *versus* mentira, vide o embate ciência *versus* negacionismo na pandemia. Rejeitar as monoculturas é colocar-se em risco.

Geni Nuñez costuma operar fabulações interessantes a partir da ideia de “monocultura” para colocar em pauta nossos padrões de afeto e relações. Ao refletir sobre as relações entre monoteísmo, colonização e monogamia, Geni retoma a ferida aberta das relações heteronormativas e dos binarismos de gênero na manutenção de um sistema racista e colonialista. Geni se autodesigna como “ex-mulher”, uma desistente do gênero. O que também me faz lembrar de uma fala da antropóloga Bru Pereira, pesquisadora e etnóloga transfeminista, onde ela sugere que possamos ser más herdeiras dos mecanismos de gênero, brincar com eles e desobedecer suas normas, sem exterminá-lo, como poderia desejar a imaginação salvacionista que percebe no idioma ocidental de gênero a inegável tríade patriarcado-colonialismo-capitalismo.

Sabemos que masculino e feminino são signos que operam de outra maneira em outras cosmologias, nem sempre como binarismos excludentes e complementares. Em Gethen, o mundo imaginado e descrito por Ursula K. Le Guin em *A Mão Esquerda da Escuridão* (1969), o sexo masculino ou feminino emerge de uma relação entre duas pessoas assexuadas a princípio, e que podem variar a cada ciclo sexual. É uma capacidade erótica e reprodutiva, temporária, incapaz de denominar comportamentos generificados de uma vez por todas. Nesse sentido, poderia haver uma reverberação especulativa entre o povo de Gethen e as persuasões etnográficas de Marilyn Strathern (2006) sobre os melanésios do Monte Hagen: masculino e feminino como capacidades extraídas dos contrastes, nomeando formas de relações mais do que características corporais individuais Reflorestando a partir do que foi envenenado pelos monólogos de corpo, gênero e estéticas.

Insegurança. Os “monocultivos dos afetos”, como chama Geni Nuñez, e suas exigências de exclusividade, de definição e identidade revelam-se como estruturas hegemônicas completamente *inseguras*. Já que a transformação, a instabilidade e a diversidade é que são próprias da vida, a exemplo da buva e das espécies desobedientes ao interesse na soja, é necessário um esforço enorme para aprisionar as manifestações de afeto e encontros em uma única maneira: a familiar humana heterocentrada. Inseguros e, portanto, violentos. É assim com os mecanismos dos feminicídios, é o mecanismo de estabelecimento de uma autoridade tecnocientífica: pela eliminação da concorrência, que é extremamente sedutora. A poda da variabilidade chega ao ponto do amor.

É o que faz - fim

“O amor é o que o amor faz”, nos ensina bell hooks. No momento em que pensamos definir o amor, e finalmente chegar a saber o que ele é pelas mãos de uma intelectual que admiramos - o amor é [pausa dramática] - ele nos escapa completamente no complemento da frase: ...o que ele faz. O amor é o que ele faz. O verbo é indomável, rédea solta: não tem como saber de antemão o que será feito, a feitura de onde surgirá o amor. Os vínculos nos põem em situação de vulnerabilidade e não há garantia nenhuma de permanência. Audre Lorde nos fornece uma ferramenta poderosa e inesperada de política: a raiva. Logo após as eleições de 2018, era possível encontrar nas redes sociais alguns memes, da oposição, reivindicando o direito ao ódio, esse sentimento que esteve no palco do período eleitoral. O ódio às minorias

políticas, aos adversários, à diversidade humana e ecológica, de pensamento e carnal, é um componente fundamental da extrema direita, contra o qual alguns setores da esquerda clamavam pelo amor, união e companheirismo. Achei interessantíssimo o resgate do ódio, uma sensação que me é bastante familiar: era ódio que eu sentia por estas pessoas, é ódio o que muitas famílias sentem pelos membros deste governo, quem tem fome também sente ódio, e quem perdeu uma pessoa querida nas mãos do estado também pode sentir ódio. E me lembrei de Audre Lorde. Lembrei-me de respeitar as raivas daquelas que sentem dores que não sentimos, mas principalmente de encaminhar a raiva como um ato de amor - “em uma ação em favor de nossos ideais”. Não é o ódio ou a raiva que definem a nossa política, a não ser quando mantêm acesos os fogos dos espíritos resistentes. Mas a raiva é também o que ela faz. A raiva que Audre Lorde ensina a cultivar serve para sabermos medir “quem são nossos aliados com quem temos sérias diferenças e quem são nossos verdadeiros inimigos”. Ela é uma atitude de diferenciação política entre aliados, de cultivo da variabilidade das políticas de resistência. Não somos iguais, não somos pacificadas, gostamos de falar com rispidez e também de cultivar cuidado e afeto quando o que se espera de nós é dureza. Amor e raiva, aliança e diferença não são atitudes planejadas e opostas, são solos vivos. “Estar apaixonado significa estar no mundo, estar em conexão com a alteridade significativa e com outros que significam, em diversas escalas, em camadas locais e globais, em teias que se ramificam”, é o que nos ensina Donna Haraway. A ramificação não permite estarmos desvinculadas, tampouco presumir onde dará nossa tessitura.

Referências

- CARNEIRO, S. 2005. *A Construção do Outro como Não-Ser Como Fundamento do Ser*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade de São Paulo.
- GODOY, A. 2008. *A menor das ecologias*. São Paulo: EdUSP.
- HARAWAY, D. 2021. *O manifesto das espécies companheiras. Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. Tradução de Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo.
- HARAWAY, D. 2017[1997]. *Second_Millennium. FemaleMan © Meets_OncoMouse TM Feminism and Technoscience*. 2nd Ed. London: Routledge.
- LE GUIN, U. K. 1969. *A mão esquerda da escuridão*. São Paulo: Aleph.
- SHIVA, V. 2003[1993]. *Monoculturas da mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia.

STENGERS, I. & PIGNARRE, P. 2017. *La brujería capitalista*. Buenos Aires: Hekht.

STENGERS, I. 2018. “The challenge of ontological politics”. In: BLASER, M. & DE LA CADENA, M. (eds.), *A world of many worlds*. Durham/Londres: Duke University Press, pp. 1-22.

STENGERS, I. 2015. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac Naify.

STRATHERN, M. 2006. *O gênero da dádiva*. Campinas: Editora da Unicamp.

TSING, A. 2019[2016]. “Terra perseguida pelo homem”. In: TSING, A., *Viver nas ruínas. Paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB Mil Folhas.

VIVEIROS DE CASTRO, E. 2002. “O nativo relativo”. *Mana*, 8(1): 34-44.